

O conceito de mente e a invenção do sujeito de Jacques Lacan.

The concept of mind and Jacques Lacan's invention of the subject.

GABRIELA C. OJEDA
SILVANA G. SAUCUNS
LAURA V. SOLANO
VICTORIA TORRES

RESUMO:

O conceito de mente tem sido crucial para o desenvolvimento de ideias em nosso século. A era pós-moderna leva os ideais do pensamento moderno às suas últimas consequências na discussão sobre a questão da existência humana, ligada aos desenvolvimentos da *psyché* no pensamento grego. Para Lacan, o sujeito da ciência surge com Descartes, a partir do cogito: possibilidade não apenas de uma nova substância, mas também de um novo campo de conhecimento, sem o qual a psicanálise não poderia existir. Makari argumenta que Descartes foi o arquiteto da união da mente e alma, *Res cogitans – Res extensa*, passo necessário para o desenvolvimento do conceito da mente moderna introduzida na biologia do corpo. Isso teve efeitos sobre a estrutura do sofrimento subjetivo nas sociedades ocidentais: individualismo extremo – rejeição do outro/Outro; niilismo – valores da singularidade; biologicismo extremo – redução da existência ao corpo, entre outros. Na psicanálise, há orientações que enfatizam esses efeitos. APOLa¹ convoca a dar outra resposta aos mesmos, situando a causa do sofrimento em outra ordem, a do significante, com base na nova psicanálise de Jacques Lacan.

PALAVRAS-CHAVES: mente – alma – sujeito – Outro – modernidade-pós-modernidade – psicanálise – significante – individualismo.

ABSTRACT:

The concept of mind has been crucial to the development of ideas in our century. The Postmodern era extremes the ideals of modern thought to their ultimate consequences in the discussion of the question of human existence, linked to the developments of the psyche in Greek thought. For Lacan, the subject of science, comes with Descartes, starting from the cogito: the possibility not only of a new substance but also of a new field of knowledge, without which psychoanalysis could not come into being. Makari argues that Descartes was the architect of the union of mind and soul, *Res cogitans-Res extensa*, a necessary step for the development of the concept of the modern mind introduced into the biology of the body. This has had effects on the structure of subjective suffering in Western societies: extreme individualism-rejection of the other/Other; Nihilism-values of uniqueness; extreme biologism-reduction of existence to

¹ APOLa, Apertura para Outro Lacan, instituição psicanalítica que se sustenta por meio de discussões e pesquisas com base em um programa de investigação científica que está em constante mudança à medida que se introduz novas questões ao pensamento da época.

the body, among others. In psychoanalysis, there are orientations that emphasize these effects. APOLa calls for a different response to them, situating the cause of suffering in another order, that of the signifier, based on Jacques Lacan's new psychoanalysis.

KEYWORDS: mind – soul – subject – Other – modernity-postmodernity – psychoanalysis – significant – individualism.

Introdução

Este artigo se baseia na leitura e no estudo do *Seminário XIV* de Jacques Lacan, *A Lógica do Fantasma*, realizado em 2023. Durante esses encontros desafiadores, começamos a expor questões, reflexões e fios que, embora levassem a direções diferentes, em algum momento conseguiram se entrelaçar. É, portanto, a invenção do conceito de sujeito, o laço que guia nossos caminhos. Incluímos na jornada as reflexões dos textos de George Makari, “Alma máquina” e “Revolución en mente”. Esses textos investigam o surgimento e a transformação do conceito de mente, a partir de reflexões filosóficas clássicas e modernas que antecedem e contribuem para o debate atual. Embora o termo “mente” tenha mudado desde os gregos até os dias atuais, nosso interesse é retomar sua origem como um conceito moderno, tendo em vista que seu impacto sobre os desenvolvimentos do pensamento ainda perdura em nosso tempo. A passagem do moderno para o estabelecimento do pós-moderno, proposta por alguns autores como G. Lipovetsky, abre novas questões e contribui para o diagnóstico do contexto em nosso campo de investigação, sustentando a interterritorialidade da psicanálise. Diz o autor:

O ideal moderno de subordinação do individual a regras racionais coletivas foi pulverizado, o processo de personalização promoveu e incorporou massivamente um valor fundamental, o da realização pessoal [...]. É claro que o direito de ser plenamente você mesmo, de aproveitar a vida ao máximo, é inseparável de uma sociedade que erigiu o indivíduo livre como um valor fundamental, e não é mais do que a manifestação última da ideologia individualista [...]. Viver livremente sem repressão, escolher integralmente seu próprio modo de existência: esse é o fato social e cultural mais significativo de nosso tempo, a aspiração e o direito mais legítimos aos olhos de nossos contemporâneos.²

² Lipovetsky, G. (2000). *La era del vacío. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Editorial Anagrama. pp. 7-8. (Tradução nossa).

A discussão dos conceitos de alma, mente, sujeito e Outro, nos parece pertinente, pois acreditamos que o conceito de mente moderna foi um passo que consolidou, a partir de diferentes sistemas de ideias com distintas epistemologias, o individualismo extremo e a rejeição do Outro/outro diagnosticada nas formas do laço social.

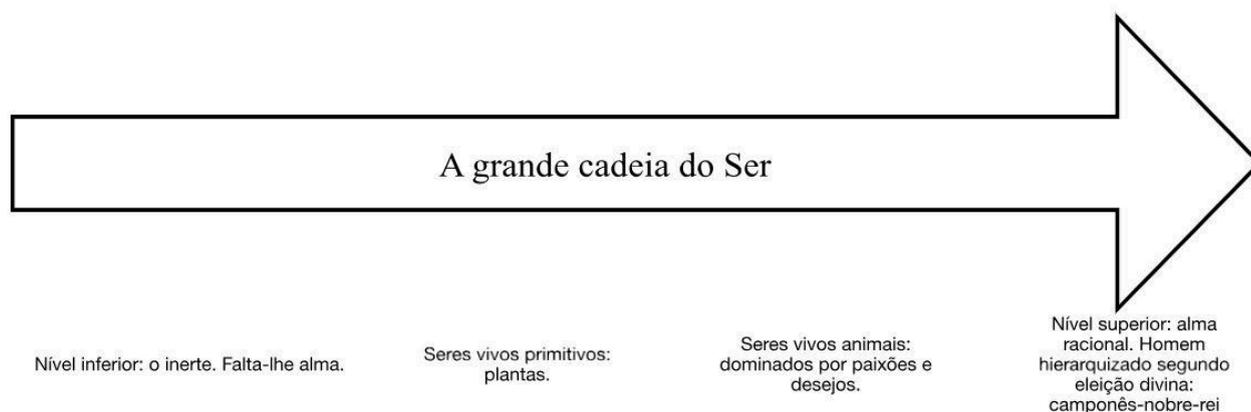
Debate sobre a mente e o corpo

A questão da existência humana estava ligada aos desenvolvimentos da *psyché* no pensamento grego, retomada na idade moderna.

No século XIII, Tomás de Aquino sintetizou o pensamento de Aristóteles, Ptolomeu e Galeno com os dogmas eclesiásticos cristãos em uma cosmovisão de mundo e de suas existências, equiparando-a à alma cristã. A redução de Aristóteles das várias posições gregas a três tipos de almas – duas materiais e uma imortal – é estabelecida em Tomás de Aquino com base no Deus criador – a alma é o nó fundamental entre a natureza, Deus e o homem:

<i>Alma nutritiva</i>	<i>Alma apetitiva e sensorial</i>	<i>Alma racional - participa do poder divino</i>
Entidades vivas que se diferenciam da matéria morta (árvores, plantas).	Causa o movimento. Fonte dos apetites determinantes. Somente em animais.	Exclusivamente humana: as faculdades da memória e da razão permitem atuar livremente sem ceder ao desejo e às paixões. <i>Une o material e o imaterial.</i>

Isso tem como efeito uma hierarquia medieval das existências – organizadas pela vontade divina – no pensamento ocidental:



No século XVI, os dogmas da tradição escolástica são abalados pelas novas ideias de Copérnico e Galileu, que refutam as ideias de Ptolomeu sobre o movimento dos céus, e as contribuições da anatomia de Vesalius e William Harvey questionam as de Galeno. Durante o século XVII, uma rede de intelectuais europeus, conhecidos como “modernos”, tenta substituir a antiga ordem por uma nova filosofia: Galileu, Descartes, Gassendi, Hobbes, Pascal, Mersenne, etc. formam a “República das Letras”. Outros, como os filósofos naturais ingleses, incluindo R. Boyle, Willis, etc., propõem um estudo cético da natureza e seus elementos a partir do empirismo de Francis Bacon.

A filosofia mecânica de Galileu concebe “a natureza como uma grande máquina” possível de ser analisada pelo homem e questiona o lugar de Deus e do ser.

Gassendi gera uma visão moderna do pensamento de Epicuro: “A natureza era composta de átomos, a matéria **mínima** do mundo”; se a natureza é pura matéria, a alma também é, e ambas seriam perecíveis. Thomas Hobbes parte desse atomismo e do empirismo de F. Bacon, concluindo: “a matéria estrutura o mundo natural e cria o homem, sua alma e seu Deus; as leis naturais regulam o mundo, até o ser interior do homem e a ordem social”. O corpo, assim como a natureza, implica a máquina.

Em face da redutibilidade material, Descartes propõe uma reescrita racional da natureza: não somos apenas matéria, existe a Alma Racional; nosso próprio pensamento é a única experiência real, interior e imediata da qual podemos ter certeza.³ O fundamento do ser e do conhecimento é o pensamento como consciência de si: *Cogito Ergo Sum*, “Penso, logo existo”, sou “uma coisa que pensa”. Diante do maquinário do corpo, uma nova substância se impõe: “É certo que este eu, ou

³ Assim como Hobbes e Gassendi, difere de Aristóteles, que acredita que o conhecimento implica uma impressão confiável da percepção – Descartes propõe que esta é mediada e às vezes acaba sendo falsa.

seja, minha alma, graças à qual sou o que sou, é completa e inteiramente distinta de meu corpo”.⁴ Afirma-se uma dualidade de substâncias que dissolve a grande Cadeia do Ser.

O homem parte máquina – parte razão divina	
<i>Res extensa</i>	<i>Res cogitans</i>
A matéria passiva se decompõe e morre. O corpo é regido por ações mecânicas.	Alma imortal e racional – consciência, intelecto e compreensão. Ligada ao divino, ela nunca perece.

Hobbes e Gassendi se opõem a Descartes: para o primeiro “não existe substância imaterial”, e para o segundo “a matéria pode pensar”. Isso abre caminho para a “anatomia da alma” proposta pela filosofia natural inglesa: T. Willis⁵ considera o cérebro como princípio de nossa alma; as ações do homem partem da substância cerebral e de seus mecanismos. Não existe razão imaterial. É isso que permite a J. Locke fundar sua psicologia: há uma mente corpórea, uma tábula rasa vazia ao nascer, que adquire o que sabemos e pensamos pela experiência; a consciência é a forma de apreender tudo o que acontece nela: é a identidade individual – o eu – o que dá unidade à pessoa.

Em seu texto “Alma máquina”, Makari argumenta:

Se nossa atividade mental realmente fizesse parte de nossos processos corporais, ela deveria ser estudada não apenas como parte da ética e da filosofia, mas também como parte da fisiologia, da anatomia e da medicina. Esse novo campo de pesquisa, que mais tarde levará à neurologia, introduz a matéria pensante no corpo biológico.⁶

Abre-se um novo campo de investigações centradas no corpo biológico que, apesar das controvérsias, culmina em fazer coincidir a mente com o cérebro. Com Freud, recupera-se a discussão sobre a alma racional a partir da “Interpretação dos Sonhos”, que introduz a novidade do

⁴ Makari, G. (2021). *Alma máquina*. Madrid: Ed. Sexto Piso. p. 49.

⁵ Como diz Makari: *A anatomia do cérebro* estabeleceu o campo de estudo que Willis mais tarde denominaria de neurologia – no texto citado acima.

⁶ Makari, G. (2021). Op. cit. (Tradução nossa).

pensamento inconsciente. Ele propõe: “Há sonhos compostos apenas de pensamentos [...], há elementos que não sofreram transmutação para o sensível, que são simplesmente pensados ou conhecidos, como geralmente são no estado de vigília”. Ele continua:

[...] os processos de pensamento mais complexos e corretos, aos quais não se pode recusar o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência da pessoa [...]. Esse efeito de consciência pode mostrar um caráter psíquico totalmente divergente do processo inconsciente [...]. O efeito consciente é apenas uma repercussão psíquica remota do processo inconsciente [...], que existiu e operou, embora sem se mostrar de forma alguma à consciência.⁷

A mente, a alma e o inconsciente em Freud

Makari relata o caminho frenético pelo qual Freud construiu seu edifício teórico, a partir de procedimentos experimentais, considerando alguns dos desenvolvimentos científicos de sua época; Freud embarcou na árdua tarefa de criar uma nova teoria da mente.⁸

Para isso, distancia-se da biofísica de Exner e Meynert e prossegue o caminho através da psicofísica de Herbart e Fechner. Isso culminou na delimitação de um campo no qual o inconsciente começou a ganhar o protagonismo, consolidando-se como o psíquico verdadeiramente real.⁹

Embora não encontremos o desenvolvimento do conceito de mente nos textos de Freud, ele faz algumas menções em sua obra. Makari equipara o conceito freudiano de aparelho psíquico ao da mente, que por si mesma poderia controlar ideias prejudiciais e, no processo, criar uma doença. Nos construtos freudianos iniciais, a mente era autorregulável, afetando o cérebro e o corpo. Diz o autor: os eventos da mente e do cérebro ocorrem paralelamente.¹⁰

Ao escrever o “Projeto”, Freud se baseou na filosofia kantiana para o desenvolvimento da metodologia, apoiando-se nas referências das teorias dedutivistas na busca de evidências empíricas. Considerou como fundamento dois teoremas, um proveniente da física de Newton: as leis do movimento e da conservação da energia; e outro da neurologia: a unidade essencial do sistema nervoso: o neurônio.¹¹ Correlato biológico e material, para o qual expõe os neurônios *Phi*, *Psi* e

⁷ Freud, S. (2012). “La interpretación de los sueños”. Tomo V. Buenos Aires: Amorrortu Editores. pp. 529 e 599. (Tradução nossa).

⁸ Makari, G. (2012). *Revolución en mente*. La creación del psicoanálisis. Madrid: Editorial Sexto piso.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

Omega, este último se caracteriza pela capacidade de transformar a quantidade de energia em qualidades psíquicas.

Assim, Freud separa a mente do funcionamento anatômico do cérebro, mas, em certo ponto, remete-a à sua origem biológica na psicologia da percepção. Esse esquema da mente é anterior à escrita de “A Interpretação dos Sonhos”. É exatamente nesse texto que Freud apresenta um aparelho psíquico composto por uma extremidade sensorial, cuja função é receber, e a extremidade motora, onde ocorre a descarga, predominantemente em inervações corporais. Esse aparelho tem as características de direção para a direita, temporalidade cronológica e sequência de seus sistemas componentes.¹²

Nessa ordem, torna-se possível a concepção da mente como um atributo individual, diferente do cérebro, mas composto de material neuronal particular semelhante ao anatômico, que introduz o pensamento inconsciente, considerado, por sua vez, interno ao corpo biológico em que habita.

Daí a concepção de Freud sobre a alma no início de sua teoria, para a qual ela é colocada, envolta em um componente filogenético, na mesma direção do inato e com a qualidade de compartilhá-la nas civilizações. Dessa forma, a discussão trazida por Descartes, entre alma-corpo, é retomada, introduzindo um terceiro conceito, o do inconsciente: antes do **eu penso, isso pensa**.

Se a alma não está exclusivamente do lado do ego, a novidade do campo freudiano será localizar o inconsciente como um “fato efetivo” além do *cogito* cartesiano, “penso, logo existo”.

Lacan reivindica esse salto epistêmico, postulando assim:

Voltemos a Freud. Quanto mais leio Freud, mais impressionado fico com sua consistência, digamos, mais simplesmente, com sua coerência lógica. Há uma lógica em sua obra, que eu expressei, por meio de letras e símbolos, com um rigor comparável às expressões da nova lógica matemática com Bourbaki. Quando surge um fato científico, um fato que não está de acordo com as fórmulas anteriores, o que acontece? Um fato científico nasce somente se por à prova uma categoria existente. Se não há um sistema pré-existente, não há refutação. Um novo fato implica uma nova estrutura. O inconsciente é um fato novo e traz uma refutação à antiga estrutura sujeito-objeto.¹³

¹² Freud, S. (2012). Op. cit.

¹³ Lacan, J. (1966). *Entrevista con Pierre Daix*. Traducción: R. Ponte. p. 2. (Tradução nossa).

Uma categoria pré-existente montada em um aparato filosófico anterior, o cartesiano, é posta à prova. A esse novo fato corresponde um espaço próprio, não o espaço euclidiano, um espaço exigido pela estrutura:

Não há nada pelo qual os psicanalistas de hoje não tenham mais aversão do que o inconsciente, porque eles não sabem onde colocá-lo. Isso é compreensível, não pertence ao “espaço euclidiano”, é necessário construir um espaço próprio e é isso que estou fazendo hoje. Isso é compreensível, ele não pertence ao “espaço euclidiano”, é necessário construir-lhe um espaço próprio, e é isso que faço hoje. Os psicanalistas que não foram tocados por meus ensinamentos não sabem disso. Por isso, preferem recorrer a noções como ego, superego, etc., que se encontram em Freud, mas que são igualmente homônimas a noções que estão em uso há muito tempo, de modo que usá-las possibilita retornar implicitamente a suas antigas acepções.¹⁴

Ele continua:

É aqui, mais do que nunca, que essa estrutura exige a topologia precisa pela qual a demanda e o desejo são distinguidos e articulados mais além da necessidade.¹⁵

É a partir da topologia que se pode sustentar a lógica do inconsciente. O espaço topológico compreende uma superfície bidimensional que permite a continuidade, mas também a distinção, nesse caso, do desejo e da demanda. A demanda está mais além da necessidade por efeito da linguagem, localiza-se no lugar do Outro.¹⁶ O desejo é resíduo, é resto: “é o que sobra da diferença estrutural entre necessidade e demanda”.¹⁷ O corte significativo engendra essa superfície, não é a superfície que dá sua possibilidade.¹⁸ Nessa lógica própria, Lacan postula que: “o sujeito começa com o corte”.¹⁹ O sujeito como efeito do significante tem uma estrutura de superfície definida pelo menos topologicamente.²⁰

¹⁴ Ibidem. (Tradução nossa).

¹⁵ Ibidem. (Tradução nossa).

¹⁶ Eidelsztein, A. (2005). *El grafo del deseo*. Buenos Aires: Editorial Letra Viva.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Lacan, J. (1961). *La identificación*. Libro 9. Traducción: R. Ponte. Clase 22. Buenos Aires: <https://lacanerafreudiana.com.ar>

¹⁹ Lacan, J. (1966). *La Lógica del fantasma*. Libro 14. Traducción: R. Ponte. Clase 1. Buenos Aires: <https://lacanerafreudiana.com.ar>.

²⁰ Lacan, J. (1961). Op. cit.

Do cogito ao sujeito de Lacan

Makari²¹ afirma que Descartes foi o arquiteto da união da mente e da alma. Na *Sexta Meditação*, ele aprova a tradução do termo latino *mentis* (mente) para a palavra francesa “alma”, unificando, assim, o ser pensante, distinto do corpo material. Lacan argumenta que o inconsciente freudiano só foi possível após o surgimento do sujeito cartesiano, passo inaugural para a ciência moderna. Nesse sentido, afirma:

Desse passo depende que o sujeito possa ser chamado de volta a si mesmo no inconsciente [...] não é a alma usual, mortal ou imortal, dupla sombra ou espectro, nem mesmo uma pretensa psicofera, concha, lugar de defesas e outros esquematismos. O sujeito é chamado, somente ele (o sujeito de origem cartesiana) pode então ser escolhido.²²

Descartes, com o seu **eu penso**, nos apresenta um sujeito que não é como uma esfera que implicaria qualidades, representações e propriedades diversas, mas como um vazio, pois como o próprio Descartes diz em sua segunda meditação: “Eu sou, eu existo; isso é certo, mas por quanto tempo? [...] o tempo em que estou pensando: pois talvez acontecesse que, se eu deixasse de pensar, deixaria, ao mesmo tempo, de existir.”²³

Em “A ciência e a verdade”²⁴, a tese de Lacan é que com o cogito advém um novo sujeito, que questiona a ordem da realidade natural e inaugura campo do saber, a ciência. A realidade não provém mais da percepção ou da experiência natural, mas do raciocínio, da lógica. Um novo fundamento para a realidade é estabelecido sobre o simbólico, o imaginário e o real. Não há um mais além divino que a garanta. O mais-além é o razoável. Há um novo campo da razão:

[...] Não se poderia conceber, não digo uma formulação, mas até mesmo uma descoberta do que diz respeito ao inconsciente antes da promoção inaugural do sujeito do cogito, na medida em que isso é extensivo ao advento da ciência.²⁵

²¹ Makari, G. (2021). Op. cit.

²² Lacan, J. (2001). *Los cuatro conceptos*. Libro XI. Buenos Aires: Editorial Paidós. p. 55. (Tradução nossa).

²³ Descartes, R. (1995). *Segunda meditación*. Barcelona: Biblioteca Círculo de lectores. p. 140.

²⁴ Lacan, J. (2009). La ciencia y la verdad. Em *Escritos 2*. México: Siglo XXI.

²⁵ Ibidem. p. 839. (Tradução nossa).

Por que Lacan diz que, sem Descartes, o sujeito do inconsciente não poderia ter surgido? Ele propõe que Descartes e Freud convergem em seu modo de proceder, pois ambos partem do fundamento do sujeito da certeza. O fundamento é, para ambos, a dúvida. Descartes parte de: **Estou certo, porque duvido, de que penso – estou certo de que duvido de pensar**. Freud também encontra na dúvida a base de sua certeza: ele se pergunta: “Posso ter certeza de que o sonho foi assim? Não estou certo, duvido”. Na dúvida, um pensamento ausente lhe é revelado e ele tem certeza de que “esse pensamento está isolado de seu eu”, é inconsciente. Lacan diz:

Não estou dizendo que Freud introduziu o sujeito no mundo [...], pois foi Descartes. A divergência entre ambos é que Freud se dirige ao sujeito para dizer-lhe algo novo: aqui, no campo do sonho, você está em casa.²⁶

A dúvida para Freud escreve o texto do inconsciente: algo pensa no lugar do eu. Isso pensa. Isso pensa, onde? Lacan terá de recorrer à topologia para dar conta dessa nova dimensão, a dimensão do dito (*dit-mension*). Isso pensa, introduz o lugar do A/Outro:

Aqui se revela a dissimetria entre Freud e Descartes. Ela não está no passo inicial da fundação da certeza do sujeito. Reside no fato de que o sujeito está em casa no campo do inconsciente. E porque Freud afirma sua certeza, é o progresso mediante o qual o mundo muda para nós...

Descartes não sabia disso, exceto que ele era o sujeito de uma certeza e rejeição de todo conhecimento anterior; mas sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que pensa, antes de entrar na certeza... o sujeito está lá onde Isso estava... para tal, é preciso detectar a rede... a rede de significantes.²⁷

O sujeito é o efeito de uma rede de significantes no campo do Outro, cuja lógica, no ensino de Lacan, contrapõe-se à consciência de si.

[...] eu penso, sou eu quem diz isso! Depois de tudo, pode ser que eu acredite que penso, mas que não penso.²⁸

²⁶ Freud S. (1972). “La Interpretación de los sueños”. Madrid: Biblioteca Nueva. p. 660. (Tradução nossa).

²⁷ Lacan J. (2001). Op.cit. p. 44. (Tradução nossa).

²⁸ Lacan J. (1966). Op.cit. p. 20. (Tradução nossa).

Lacan questiona o “eu sou eu”. Ele subverte o cogito por meio da lógica do significante: um significante não pode significar a si mesmo, não há eu=eu.²⁹ Ele fala sobre isso no Seminário 14, aula 5:

[...] que mesmo essa escrita, sem dúvida, não faz mais do que representar um funcionamento mais primordial de algo que, a esse título, merece ser considerado por nós em função de escrita, na medida em que é disso que depende o verdadeiro estatuto do sujeito, e não de sua intuição de ser “aquele-que-pensa”. Intuição justificada, por quê? Se não for por algo que lhe está, nesse momento, profundamente oculto, a saber: o que ele quer ao buscar essa certeza nesse terreno que é o da evacuação progressiva, da limpeza, da varredura de tudo o que está ao seu alcance em relação à função do conhecimento?³⁰

Lacan não só subverte o cogito cartesiano ao sustentar que um significante é o que representa um sujeito diante de outro significante – introduzindo o campo do Outro –, mas também se opõe à realidade psíquica individual freudiana, já que sua proposta implica que não há Sujeito sem Outro e que a realidade se funda com o discurso. Não há realidade pré-discursiva, há imisção de outridade.

Modernidade, pós-modernidade e psicanálise

Lipovetsky descreve com precisão as sociedades da modernidade e da pós-modernidade, identificando os fundamentos dos sofrimentos subjetivos nas sociedades ocidentais.³¹ Com a queda do mundo pré-moderno teocêntrico, puritano e rígido, os sofrimentos dos sujeitos modernos estão centrados nos valores produzidos no desenvolvimento do maquinário industrial, capitalista, progressista e democrático. Em relação ao surgimento do modernismo, Lipovetsky afirma:

O modernismo só pôde surgir graças a uma lógica social e ideológica tão flexível que permitiu a produção de contrastes, divergências e antinomias. Já foi sugerido: é a revolução individualista pela qual, pela primeira vez na história, o ser individual, igual a qualquer outro, é percebido e se percebe como último, se concebe isoladamente e conquista o direito à livre disposição de si mesmo, o que constitui o fermento do modernismo.³²

²⁹ Lógica baseada em Morgan: não existe universo de discurso tal que a classe de todos os x implique que x=x.

³⁰ Lacan, J. (1966). Op. cit. p. 21. (Tradução nossa).

³¹ Lipovetsky, G. (2000). Op.cit.

³² Lipovetsky, G. (2000). Op.cit. p. 93. (Tradução nossa).

Freud ofereceu respostas a esses novos sofrimentos com a tese do inconsciente³³ e da sexualidade infantil,³⁴ o prazer sexual ganha estatuto na etiologia da doença mental – desenvolvimento libidinal, fixação, trauma sexual, repressão, sintoma.

A psicanálise freudiana, embora introduza um novo campo de conhecimento, no desenvolvimento da hipótese do inconsciente, sustenta uma concepção de indivíduo biologicista – pulsão originada no organismo do indivíduo, sustentada em uma lógica binária dos sexos homem-mulher, uma visão evolucionista – superar os traumas da infância e atingir a maturidade sexual, heteronormativa – supremacia da heterossexualidade, patriarcal – supremacia do homem, universalista – princípios aplicáveis a todas as sociedades, e colonialista – subvalorização de outras culturas.

O modernismo não é apenas rebelião contra si mesmo, é também revolução contra as normas e os valores da sociedade burguesa: “a revolução cultural” começa neste final do século XIX [...], valores fundados na exaltação do eu, na autenticidade e no prazer, valores diretamente hostis aos costumes da burguesia centrados no trabalho, na economia, na moderação e no puritanismo.³⁵

Embora Freud tenha introduzido um novo campo, ele se coloca como representante das ideias hegemônicas da modernidade. Esses enfoques da modernidade ainda seguem vigentes nas concepções, teorias e práticas psicanalíticas atuais.³⁶

Na pós-modernidade, G. Lipovetsky define um processo de personalização histórica que começa na modernidade, acentuado na atualidade em uma segunda revolução individualista. Há uma mudança das modalidades e objetivos modernos – progresso, inovação, revolução, produção, projeto coletivo, Estado, família – para novos valores pós-modernos – flexibilidade, diversidade, gênero, feminismo, ecologia, hedonismo, juventude, informação, viagem, lazer –, sedução à *la carte*, como estratégia privilegiada de subjetivação.

Como consequência do individualismo extremo, as antinomias da modernidade são anuladas e surge a impossibilidade de sentir, com o outro, o vazio emocional, a deserção de valores, a decadência das narrativas e o niilismo.

³³ Freud, S. (1997). *Lo inconsciente*. Tomo XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores. p. 167.

³⁴ Freud, S. (1997). *Tres ensayos de una teoría sexual*. Tomo VII. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

³⁵ Lipovetsky, G. (2000). Op. cit. p. 83. (Tradução nossa).

³⁶ Eidelsztein, A. (2021). Psicoanálisis y Posmodernidad desde la perspectiva del Programa de Investigación Científica de APOLa. *El Rey está desnudo*. Nº 18. p. 45.

Os pacientes não sofrem mais de sintomas fixos, mas de distúrbios vagos e difusos; a patologia mental obedece à lei da época que atende à redução da rigidez, bem como à liquefação das relevâncias estáveis: a tensão neurótica foi substituída pela flutuação narcísica. Impossibilidade de sentir, vazio emocional, aqui a dessubstancialização chegou ao seu fim, tornando explícita a verdade do processo narcísico, como uma estratégia do vazio.³⁷

Com o individualismo extremo, toda dialética com o outro é rejeitada, e cada um vive suas próprias experiências em um hedonismo extremo. Acreditamos que a teoria de Lacan desenvolve a hipótese do inconsciente de outra forma, possibilitando dar outra resposta aos problemas colocados pela modernidade e pós-modernidade, situando a causa do sofrimento na ordem significante que introduz o campo do Outro como fundamental. Seu conceito de sujeito introduz uma nova substância gozante, outorgando-lhe outro estatuto – insubstancial, incorpóreo, não-natural –, resolvendo a dicotomia introduzida por Descartes entre a *res extensa* e a *res cogitans*. A. Eidelsztein explicita a esse respeito:

Lacan propõe um terceiro tipo de substância, a substância gozante que, portanto, não pode ser tridimensional ou se originar em algo tridimensional, nem pode coincidir com o pensamento no sentido do psíquico consciente ou do egóico.³⁸

Consideramos necessário para a formação do analista conhecer e questionar os pressupostos – modernos, pós-modernos, ideias da mente biologicista, etc. – que operam nos discursos; já que estes promovem a mesma orientação dos sintomas atuais que rejeitam a existência do Outro para o laço social, sustentada na ideia de si mesmo como condição fundamental da subjetividade. Com Lacan, propõe-se que não há indivíduos, não se trata da relação entre dois eus, subvertendo a ideia do cogito e da realidade psíquica individual.

O conceito moderno de mente, deveras controverso, levou à promoção do corpo biológico como fundamental, sustentando até nossos dias uma tradição centrada em:

[...] uma mente natural, capacitada para a reflexão racional, a ação ética e livre arbítrio. Embora a mente fosse a base da percepção, da consciência, da criatividade, do desejo e da personalidade, ela também era limitada e falível,

³⁷ Lipovetsky, G. (2000). Op. cit. p. 76. (Tradução nossa).

³⁸ Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva. p. 418. (Tradução nossa).

gerando ilusões, erros, preconceitos e várias formas do que hoje se denominaria doença mental. Ainda assim, as estruturas políticas e sociais, argumentar-se-ia, deveriam ser construídas em torno da noção de indivíduos autônomos, dotados de mentes que lhes dessem o direito de escolher racionalmente suas próprias crenças e de buscar a felicidade, desde que estivessem sensatos e não colocassem em risco os outros ou o Estado.³⁹

Nesse contexto pós-moderno, há a oferta de diferentes alternativas terapêuticas, que potencializam o individualismo e a responsabilidade subjetiva, efeitos que implicam:

Todas as esferas estão agora progressivamente anexadas por um processo de personalização multiforme. Na ordem psicoterapêutica, surgiram novas técnicas (análise transacional, grito primal, bioenergia) que aumentam ainda mais a personalização psicanalítica considerada muito “intelectualista”; a prioridade é dada aos tratamentos rápidos, às terapias de grupo “humanistas”, à liberação direta de sentimentos, de emoções, das energias corporais [...].

[...] a subjetivação da doença, a assunção “holística” da saúde pelo próprio sujeito, a exploração mental do corpo, em ruptura com o controle hospitalar; o paciente não deve sofrer sua condição passivamente, ele é responsável por sua saúde, por seus sistemas de defesa graças às potencialidades da autonomia psíquica... psicologizando o corpo, levando em conta a consciência total de si mesmo, dando livre curso à paixão dos ritmos individuais.⁴⁰

A partir de nossa prática psicanalítica, para resolver os males no âmbito do contexto simbólico atual, é necessária uma operação lógica que possibilite um ato de interpretação que articule o saber do qual se trata em torno da causação do sintoma, do desejo e do gozo. O conceito de inconsciente estruturado como uma linguagem se impõe sustentando que a causa dos sofrimentos do falasser não se fundamenta no corpo biológico, mas na ordem significante. Retomando a definição de que esse sujeito particular, não-singular, é concebido como “o que um significante representa para outro significante”.⁴¹

³⁹ Makari, G. (2021). Op. cit. (Tradução nossa).

⁴⁰ Lipovetsky, G. (2000). Op. cit. p. 21. (Tradução nossa).

⁴¹ Lacan, J. (2009). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. Em *Escritos 2*. México: Siglo XXI.

BIBLIOGRAFIA:

1. Albornoz, E. (2013). *Pensar con los pies*. Buenos Aires: Letra Viva.
2. Baldovino, L. (2014). Eso piensa, eso habla. *El Rey está desnudo*, n.º 7.
3. Bonoris, B. (2013). *El sujeto como intervalo: de la intersubjetividad a la inmixión de otredad*. UBACyT, Buenos Aires.
4. Descartes, R. (1995). *Segunda meditación*. Barcelona: Biblioteca Círculo de lectores.
5. Eidelsztein, A. (2005). *El grafo del deseo*. Buenos Aires: Letra Viva.
6. Eidelsztein, A. (2018). *El origen del sujeto*. Buenos Aires: Letra Viva.
7. Eidelsztein, A. (2020). *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
8. Eidelsztein, A. (2021). Psicoanálisis y Posmodernidad desde la perspectiva del Programa de Investigación Científica de APOLa. *El Rey está desnudo*. Año 14, n. 18.
9. Eidelsztein, A. (2016). *El fantasma en la clínica psicoanalítica. Su lógica*. Seminario. Programa de Seminarios pela Internet. www.edupsi.com.
10. Freud, S. (1972). *La Interpretación de los sueños*. Madrid: Biblioteca Nueva.
11. Freud, S. (2012). *La Interpretación de los sueños*. Tomo IV. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
12. Krymkiewicz, M. (2009). El Cogito Cartesiano. *El rey está desnudo*, n. 2.
13. Lacan, J. (1966-1967). *Seminario XIV. Lógica del Fantasma*. Traducción Rodríguez Ponte. lacanerafreudiana.com.ar.
14. Lacan, J. (1966). *Acerca de la estructura como mixtura de una otredad, condición sine qua non de absolutamente cualquier sujeto. Conferencia Baltimore (USA)*. Traducción Leonel Sánchez Trapani. <http://www.acheronta.org/acheron15.htm>.
15. Lacan, J. (1966). *Entrevista con Pierre Daix*. Buenos Aires. Traducción R. Ponte.
16. Lacan, J. (2001). *Seminario XI*. Buenos Aires: Paidós.
17. Lacan, J. (2009). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo. Em *Escritos II*. México: Siglo XXI.
18. Lacan, J. (2009). La Ciencia y la verdad. Em *Escritos II*. México: Siglo XXI.
19. Lipovetsky, G. (1983). *Ensayos sobre el individualismo contemporáneo. La era del vacío*. Barcelona: Anagrama.
20. Makari, G. (2012). *Revolución en mente. La creación del psicoanálisis*. Madrid: Sexto piso.
21. Makari, G. (2021). *Alma máquina. La invención de la mente moderna*. Madrid: Sexto piso.
22. Nancy, J. L. (2014). *¿Un sujeto? Ed. La Identificación*. Traducción Rodríguez Ponte. lacanerafreudiana.com.ar.
23. Sarraillet, I. (2013). El sujeto lacaniano como sujeto de la ciencia. *El rey está desnudo*, n. 6.

GABRIELA CECILIA OJEDA

Psicanalista. Graduada e professora de Psicologia. Universidade Nacional de La Plata. Sócia de APOLa.

E-mail: gabrielaceciliaojeda@gmail.com

SILVANA SAUCUNS

Graduada em Psicologia pela Universidade Nacional de La Plata (2000). Sócia de APOLa desde 2000. Trabalha em hospitais públicos e Centros de Atenção Primária (CAPS).

E-mail: saucuns@hotmail.com

LAURA VICTORIA SOLANO

Psicanalista. Psicóloga. Mestre em Psicanálise pela Universidade de Buenos Aires. Sócia de APOLa.

E-mail: lvss18@gmail.com

VICTORIA TORRES

Psicanalista. Psicóloga clínica. Universidade de Barcelona. Sócia de APOLa.

E-mail: victoriaistorres@gmail.com